
«A memorização de pedaço chave da nossa história». Nota a propósito da apresentação pública da obra 1961: Memória de um ano decisivo

Gustavo Costa

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/437>

DOI: 10.4000/mulemba.437

ISSN: 2520-0305

Editora

Edições Pedagogo

Edição impressa

Data de publicação: 1 maio 2015

Paginação: 509-513

ISSN: 2182-6471

Reférence electrónica

Gustavo Costa, ««A memorização de pedaço chave da nossa história». Nota a propósito da apresentação pública da obra 1961: Memória de um ano decisivo», *Mulemba* [Online], 5 (9) | 2015, posto online no dia 22 novembro 2016, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/437> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.437>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

Tous droits réservés

«A memorização de pedaço chave da nossa história». Nota a propósito da apresentação pública da obra 1961: Memória de um ano decisivo

Gustavo Costa

NOTA DO AUTOR

Texto da apresentação pública da obra 1961: *Memória de um ano decisivo* (Luanda, ATD — Associação Tchiveka de Documentação, 2015, 204p.), que teve lugar no Museu Nacional de História Militar (Fortaleza de São Miguel), em Luanda, no dia 12 de Março de 2015.

- 1 Confrontado com a magnitude dos *Trilhos da Independência*, que a Associação Tchiveka entendeu oferecer-nos como uma das mais recentes e valiosas peças do nosso acervo histórico-político, deixem-me dizer-vos, em primeiro lugar, que tenho sérias dúvidas se, perante a minha pequenez, serei a pessoa mais indicada para fazer a apresentação desta compilação de textos, como modestamente lhe chama a Wanda,¹ focalizada no ano decisivo de 1961.
- 2 Por isso, num primeiro instante, confesso que hesitei em aceitar tão honroso convite e abraçar tamanha responsabilidade. Quis, no entanto, a Wanda que o fizesse.
- 3 E, perante o desafio dela, ao mergulhar nas raízes das histórias trilhadas nas cento e noventa e oito páginas daquilo que pode ser já o maior espólio documental reunido até hoje à volta da nossa narrativa independentista, não pude resistir à amplitude de uma utopia que se consagrou na nossa maior saga: a conquista da Independência!
- 4 Não resisti também ao pioneirismo de um trabalho de investigação de uma envergadura ímpar, que tem o DNA de um nacionalista cuja grandeza se confunde com a epopeia de

milhares de angolanos que, naquele tempo, há mais de cinquenta anos, cada um à sua maneira, deram o melhor de si para abrirem os caboucos do nosso edifício pátrio.

- 5 Por essa razão, as fotografias, os vídeos e as gravações, mais do que o acervo e o legado do nacionalista Lúcio Lara, são a expressão do grito de alma de uma imensa geração depositária dos mais nobres valores do nosso moderno nacionalismo.
- 6 Foi por essa razão que, desde o primeiro momento, entre Fevereiro de 2011 e Janeiro de 2012, a equipa do *Novo Jornal*² da qual eu fazia parte, se associou, incondicionalmente, a esta iniciativa.
- 7 Contagiado pela sua dimensão, o *Novo Jornal* de então abriu-lhe as páginas e, assumindo-se cúmplice da mesma causa, paginadores e jornalistas, entenderam contribuir, de forma modesta, para a sua visibilidade ao irradiar grafismos e afins extraordinários para um projecto que era então uma esperança e um sonho e que, agora, se tornou realidade.
- 8 Esta é uma obra que não foi gerada por nenhuma universidade, nem recebeu o concurso de nenhuma consultoria estrangeira, como agora, exageradamente, virou moda.
- 9 Também não foi escrita por nenhum jornalista insigne, que quase já não os há, nem por jovens engravatados que, falando de cátedra, da história têm a mesma vaga noção que alguns dos nossos novos ricos têm da pobreza...
- 10 Estamos perante uma arma poderosa, que resistiu a todas as tentativas de rasura da história da Independência e mesmo a certas correntes negacionistas, que gostariam de ver triunfada aqui uma narração «*descafeinada*».
- 11 Se essa narração se impusesse, não sejamos inocentes, prevaleceria a manipulação da verdade através de uma subtil selecção de acontecimentos, que daria lugar à criação de mitos para justificar doutrinas e práticas do passado e do presente.
- 12 Se essa narração triunfasse, assistiríamos, não tenhamos ilusões, a exclusão de partes da nossa memória colectiva e de grupos mais sensíveis, tais como as minorias étnicas, políticas, religiosas ou raciais.
- 13 A Associação Tchiveka preferiu a Nação e decidiu memorizar um pedaço chave da nossa história cuja riqueza assenta na sua transversalidade.
- 14 Nele estão projectados depoimentos e fotos memoráveis de patriotas angolanos, de outros combatentes africanos anti-colonialistas e também de anti-fascistas portugueses, que decidiram solidarizar-se com a causa angolana.
- 15 Não há aqui, nesta obra, angolanos da UPA,³ da FNLA,⁴ do MPLA,⁵ da Revolta Activa,⁶ da Revolta do Leste⁷ ou da UNITA.⁸ Há aqui apenas angolanos! Estamos aqui, porventura, perante a viagem documental de maior fôlego nacionalista, que carrega o mérito de estar despida de estreitismos partidários ou de preconceitos de natureza tribal, étnica, racial ou religiosa.
- 16 Estamos perante um hino à reconciliação, escrito com poemas que afastam a exclusão e procuram antes irmanar passados com percursos diferentes mas todos eles trilhando o mesmo espírito.
- 17 Estamos perante uma obra com nome e endereço próprios, cujos testemunhos retratam os horrores da ocupação colonial, os mortos, nas cidades e nas matas, os perseguidos e os desaparecidos.
- 18 Estamos perante um monumento esculpido com devoção e discricção, fora dos holofotes da propaganda, feito por gente simples, modesta e abnegada, que fez desta investigação

um desafio em busca de um passado e de um tempo que, porventura, muitos julgavam perdidos...

- 19 A leitura desta obra gera emoções e obriga-nos a reviver a chama do protesto que galvanizou milhares de nacionalistas de diferentes matizes políticas que, enjaulados pela PIDE⁹ na luta clandestina ou empunhando armas nas matas, lançaram as sementes da inesquecível gesta da libertação de Angola das grilhetas do ocupante português.
- 20 Comprometidas apenas com a história, queiram as novas gerações ler esta obra, que ajudará a compreender o passado e a iluminar o futuro, através do que a Associação Tchiweka qualificou como «*folhas arquivadas, que não serão mortas, antes renovadamente ressuscitadas*».
- 21 Por isso é que esta é daquelas obras que deveria figurar nos escaparates das nossas livrarias e nas galerias das bibliotecas dos nossos estabelecimentos de ensino público e privado.
- 22 Porque partiu da ideia do resgate da história, da ideia da liberdade de pensar, de fazer, de ser e de ver a história sem complexos e sem zonas de sombra ou de escuridão.
- 23 Estamos, meus caros amigos, perante um notável levantamento de uma parte significativa da história, feita por uma associação que recusa, porém, ser detentora do monopólio dos seus despojos.
- 24 Por isso é que esta vasta compilação escrita, documental, iconográfica e testemunhal, feita em tempo oportuno, desafia a isenção e a liberdade dos historiadores para que persigam a investigação agora iniciada pela Associação Tchiweka.
- 25 E, porque é que os historiadores são chamados a enfrentar este desafio?
- 26 Para que as novas gerações saibam que houve um antes e um depois. Para que a geração 1980 interiorize que o passado aconteceu e não pode «*desacontecer*».
- 27 Para que a geração *Google*, aquela que tem tudo ao toque do teclado, que sabe quase tudo a respeito dos outros, não diga nunca, por nunca, que nunca ouviu falar dos horrores do colonialismo e da resistência anti-colonial protagonizada por milhares de heróis anónimos.
- 28 Obrigado Associação Tchiweka.

NOTAS

1. Wanda Lara, é subdirectora da ATD — Associação Tchiweka de Documentação e directora do Centro de Documentação Tchiweka [Nota do Editor].
2. Semanário angolano que actualmente é dirigido por Carlos Ferreira (Cassé), que, além de jornalista/radialista, é escritor membro da União dos Escritores Angolanos (UEA) [Nota do Editor].
3. União das Populações de Angola.
4. Frente Nacional de Libertação de Angola.
5. Movimento Popular de Libertação de Angola.

6. Dissidência do MPLA. A Revolta Activa nasce na Frente Norte entre Janeiro e Abril de 1974, evidenciado após expulsão de alguns militantes do Movimento de Reajustamento e o conseqüente descontentamento destes. Ele torna-se bem claro em Brazzaville, sendo o seu manifesto fundamentalmente contra o presidencialismo, dito «*absoluto*», de Agostinho Neto [Nota do Editor].

7. Facção do MPLA, iniciada em 1969. Como o próprio nome indica, tratou-se de uma dissidência ocorrida na Frente Leste, dirigida inicialmente pelo comandante Jibóia e cujo descontentamento se deveu à preponderância dos quadros dirigentes do movimento oriundos do Norte, da 2.ª Região político-militar (Cabinda). Permanecendo uma questão entretanto mal resolvida, foi sendo mantida em fogo brando até 1972-1973, quando se evidenciou a participação de Daniel Chipenda como dirigente da referida dissidência e que levou ao seu afastamento da direcção do movimento. Contudo, os contornos da chamada Revolta do Leste mostraram-se extraordinariamente alargados, pelo que, porque os distintos posicionamentos sobre o assunto divergem, parece-nos permanecer ainda hoje insuficientemente esclarecidos [Nota do Editor].

8. União Nacional para a Independência Total de Angola.

9. Polícia Internacional e de Defesa do Estado, polícia política fascista portuguesa de repressão contra aqueles que lutavam contra a manutenção e permanência do colonialismo português, em prol da independência nacional. Surgiu em Angola em 1954 e foi substituída pela Direcção Geral de Segurança (DGS) em 1969, quando Marcello Caetano era o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal. As suas actividades em Angola continuaram a ser exercidas até pouco tempo depois da revolução iniciada no dia 25 de Abril de 1974, que pôs fim à ditadura fascista [Nota do Editor].

AUTOR

GUSTAVO COSTA

gustavoexpresso59@gmail.com

Jornalista, ex-Director do semanário luandense Novo Jornal, e correspondente do jornal lisboeta Expresso.

É um profissional do jornalismo angolano, sendo correspondente em Luanda do jornal luso Expresso, onde assina matérias sobre o desenrolar da cena angolana na presente conjuntura. Iniciou-se no jornalismo no fim da década de 1970, já durante o período pós-independente, no Jornal de Angola, dando assim início a uma saga jornalística que o levou a servir instituições como o lendário JDM — Jornal Desportivo Militar, os diários Record e Expresso de Portugal, e pontualmente a BBC. Lançou a já extinta revista Golo, do Centro de Documentação e Informação (CDI) da então Secretaria de Estado de Educação Física e Desportos e, posteriormente, integrou a equipa que lançou o Novo Jornal, título que trouxe uma lufada de ar fresco ao panorama jornalístico nacional, e que em determinado período dirigiu. Esta publicação ganhou vários prémios e esteve associada desde o princípio ao trabalho de investigação desencadeado pela Associação Tchiweka de Documentação (ATD). O trabalho que esta instituição dá à estampa é uma amostra da sagacidade, do faro e da competência, traduzida na qualidade do texto, no acesso às fontes e no cruzamento de informação. Durante a sua já longa carreira em prol de um jornalismo crítico, Gustavo Costa foi galardoado com várias distinções dentre as quais o Prémio Nacional de Jornalismo e o Prémio Maboque de Jornalismo.